

OPINIÕES E PERCEÇÕES DOS PROFESSORES SOBRE BULLYING: ALGUNS RESULTADOS DE UM ESTUDO QUALITATIVO

PEDRO CUNHA

pcunha@ufp.edu.pt | Universidade Fernando Pessoa, Portugal

SANDRA PIRES

sindra_marg83@hotmail.com | Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal

ANA PAULA MONTEIRO

apmonteiro@utad.pt | Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal

RESUMO

A literatura atual considera relevante atribuir atenção às opiniões e percepções dos professores sobre o *bullying*, dado que os professores interagem diariamente com os alunos e são frequentemente responsáveis em identificar e responder à agressão de pares. Desta feita, o objetivo primordial do estudo consistiu em conhecer a percepção dos professores face a ocorrência de *bullying*.

Para a realização da presente investigação utilizou-se como técnica de recolha de informação a entrevista semiestruturada, direcionada numa primeira parte para a recolha de informação pessoal acerca dos 10 professores que participaram no estudo, e numa segunda parte constituída por dez questões de resposta aberta.

Os principais resultados apontam para a necessidade de uma melhor formação dos professores sobre a temática *bullying*, bem como para a necessidade de maior divulgação do tema com a finalidade de alertar as escolas para as consequências destas práticas, realçando particularmente o desenvolvimento de medidas de prevenção e intervenção.

PALAVRAS-CHAVE

bullying; percepção; professores; escola.



SISYPHUS

JOURNAL OF EDUCATION

VOLUME 7, ISSUE 03,

2019, PP.30-44

DOI: <https://doi.org/10.25749/sis.18223>

**OPINIONS AND PERCEPTIONS OF TEACHERS ON BULLYING:
SOME RESULTS OF A QUALITATIVE STUDY**

PEDRO CUNHA

pcunha@ufp.edu.pt | Universidade Fernando Pessoa, Portugal

SANDRA PIRES

sindra_marg83@hotmail.com | Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal

ANA PAULA MONTEIRO

apmonteiro@utad.pt | Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal

ABSTRACT

Current literature considers it relevant to give attention to teachers' opinions and perceptions about bullying, since teachers interact daily with students and are often responsible for identifying and responding to bullying. This time, the primary objective of the study was to know the teachers' perception of the occurrence of bullying.

In order to carry out the present investigation, the semi-structured interview was used as a data collection technique. The first part was used to collect personal information about the ten teachers who participated in the study, and a second part was composed of ten open-ended questions.

The main results point to the need for better teacher training on bullying, as well as the need for greater dissemination of the theme in order to alert schools to the consequences of these practices, particularly the development of prevention and intervention.

KEY WORDS

bullying; perception; teachers; school.



SISYPHUS

JOURNAL OF EDUCATION

VOLUME 7, ISSUE 03,

2019, PP. 30-44

DOI: <https://doi.org/10.25749/sis.18223>

OPINIONES Y PERCEPCIONES DE LOS PROFESORES SOBRE BULLYING: ALGUNOS RESULTADOS DE UN ESTUDIO CUALITATIVO

PEDRO CUNHA

pcunha@ufp.edu.pt | Universidade Fernando Pessoa, Portugal

SANDRA PIRES

sindra_marg83@hotmail.com | Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal

ANA PAULA MONTEIRO

apmonteiro@utad.pt | Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal

RESUMEN

La literatura actual considera relevante prestar atención a las opiniones y percepciones de los profesores sobre el *bullying*, ya que los docentes interactúan diariamente con los estudiantes y, a menudo, son responsables de identificar y responder a las agresiones entre compañeros. Esta vez, el objetivo principal del estudio fue conocer la percepción de los docentes sobre la existencia del *bullying*.

Para el propósito de la investigación, se utilizó como técnica de recogida de datos la entrevista semiestructurada, la cual consta de dos partes, la primera de ellas destinada a la recopilación de información personal sobre los 10 maestros que participaron en el estudio, y la segunda está compuesta por un total de diez preguntas abiertas.

Los principales resultados apuntan a la necesidad de una mejor capacitación docente sobre el acoso escolar, así como a la necesidad de una mayor difusión del tema para alertar a las escuelas sobre las consecuencias de estas prácticas, destacando especialmente el desarrollo de medidas preventivas y de intervención.

PALABRAS CLAVE

bullying; percepción; profesores; escuela.



SISYPHUS

JOURNAL OF EDUCATION

VOLUME 7, ISSUE 03,

2019, PP.30-44

DOI: <https://doi.org/10.25749/sis.18223>

Opiniões e Percepções dos Professores sobre *Bullying*: Alguns Resultados de um Estudo Qualitativo

Pedro Cunha, Sandra Pires, Ana Paula Monteiro

INTRODUÇÃO

A questão da violência na escola é indubitavelmente uma das preocupações crescentes, para professores, investigadores e para a sociedade civil. Recentemente, devido à ação dos *media*, aumentou consideravelmente a preocupação pela convivência nas organizações escolares e, de uma maneira especial, por alguns comportamentos antissociais que ocorrem entre os atores educativos. Entre os mais variados tipos de violência praticados nas escolas, destaca-se o *bullying* pelas suas variantes e pela frequência com que acontece no seio escolar, entre crianças e adolescentes (Avilés, 2003).

O *bullying* é um termo proveniente do inglês que não tem uma tradução própria para o português, definindo-se por condutas adotadas por um indivíduo ou por um grupo de indivíduos, que têm por objetivo, intimidar, humilhar e rejeitar o outro frequentemente e de forma propositada, sem motivo aparente (Neto, 2005; Smith & Sharp, 1994). O *bullying* poderá representar um processo poderoso de controlo social em que o perpetrador procura obter poder e liderança no grupo de pares (Olweus, 1993; Smith & Brain, 2000).

O *bullying* pode ser qualificado como direto ou indireto. São considerados atos de *bullying* direto os apelidos, agressões físicas, ameaças, roubos, ofensas verbais ou expressões e gestos que geram mal-estar aos alvos. O *bullying* indireto compreende atitudes de indiferença, isolamento, difamação e negação aos desejos (Pearce & Thompson, 1998). Outra categoria presentemente referenciada é o *cyberbullying*, que consiste em utilizar tecnologias de informação e comunicação (internet ou telemóvel) para hostilizar, deliberada e reiteradamente, uma pessoa, com o intento de a magoar e de que os outros vejam (Pessoa & Amado, 2014).

A continuidade dessas relações provoca nas vítimas consequências claramente negativas: ansiedade, diminuição de autoestima e quadros depressivos, que dificultam a sua integração no contexto escolar e o desenvolvimento normal das aprendizagens (Garaigordobil & Martínez-Valderrey, 2014; Olweus, 1993). Apesar das consequências mais graves se refletirem de forma mais acentuada na vítima, os agressores e os observadores são similarmente recetores de aprendizagens e práticas prejudiciais que influenciaram o seu comportamento presente e futuro (Cunha & Monteiro, 2018).

A investigação tem vindo a atribuir maior atenção às opiniões e percepções dos professores acerca do *bullying* (eg. Ferreira, Rowe, & Oliveira, 2010; Troop-Gordon, 2015; Troop-Gordon & Ladd, 2015), uma vez que os professores interagem diariamente com os estudantes e são habitualmente os responsáveis por identificar e responder à agressão entre pares (Marshall, Varjas, Meyers, Graybill, & Skocyzlas, 2009; Troop-Gordon & Ladd, 2015).

Entre os estudos que centraram a sua atenção nesta temática, encontramos o de Rose e colaboradores (2017) em que, na percepção dos professores, a aparência, a timidez e a reatividade emocional foram apontados como os principais fatores de risco para a vitimização e os fatores familiares como o principal fator de risco para se tornar um agressor. Os professores consideraram ainda que relatar a agressão a um adulto e



procurar o apoio de amigos foram vistas como as estratégias mais eficazes para responder à vitimização (Rose et al., 2017)

Num estudo levado a cabo por Ferreira e colaboradores (2010), ficou visível que os professores percecionam situações de *bullying* entre os alunos e referem enfrentar esse tipo de violência no seu quotidiano. Os professores demonstraram preocupação em relação aos alunos vítimas, aos agressores e aos observadores; além disso, sentem-se responsáveis por desenvolver estratégias para impedir esse tipo de comportamento (Ferreira et al., 2010). Os professores veem o *bullying* como um problema complexo, que não depende apenas da escola, uma vez que esta não dispõe de meios para lidar com esse tipo de situação de maneira eficaz.

É também de referenciar a investigação de Dahlheimer (2004), cujo objetivo foi obter informações sobre as percepções dos professores de comportamentos de *bullying* numa escola de nível secundário. Na opinião dos professores, o *bullying* pode estar ligado com a violência escolar, a diminuição do rendimento escolar e a baixa autoestima. Os professores indicaram como áreas mais problemáticas para a prática de *bullying* os corredores, refeitório, banheiros, vestiários e recreios escolares. Os professores acreditam que entender o *bullying* como um problema da escola constitui um fator crucial para ajudar a prevenir e reduzir esses comportamentos (Dahlheimer, 2004).

Os professores comumente apresentam opiniões distintas sobre como responder aos comportamentos de *bullying* e o que constitui o *bullying*, dadas as diferenças de frequência e a gravidade das situações de *bullying* (Rigby, 2002). Assim, é fundamental estudar as opiniões dos professores em relação à agressão e à vitimização dado existir uma relação entre as suas crenças e as estratégias que implementam em sala de aula (Troop-Gordon & Ladd, 2015). As crenças dos professores em relação às vítimas e aos agressores predizem como eles reagem a episódios agressivos (Troop-Gordon, 2015), pois se os professores considerarem que as vítimas possuem alguma responsabilidade pela sua situação podem demonstrar pouca empatia e, assim, encontrar-se-ão menos propensos a ajudar os estudantes vitimizados (Troop-Gordon, 2015).

Ainda, segundo Kochenderfer-Ladd e Pelletier (2008) os professores têm um papel central na prevenção do *bullying* dentro das escolas e são, por sua vez, envolvidos na implementação de medidas *anti-bullying*.

Para conhecer a dimensão do problema e estratégias de intervenção, é fundamental considerar a percepção das pessoas, dado que conhecendo a percepção dos professores, poder-se-á influenciar o quanto e como eles estão dispostos a intervir (Ferreira et al., 2010; Troop-Gordon & Ladd, 2015). Portanto, o conhecimento e percepção que os professores têm face à temática *bullying* podem ter influência positiva ou negativa na ocorrência das várias formas de violência em meio escolar.

MÉTODO

OBJETIVOS

O presente estudo teve caráter qualitativo e possui algum cunho exploratório. O objetivo geral consistiu em conhecer a percepção dos professores face à ocorrência de *bullying*. No que concerne aos objetivos específicos são de referir o entendimento que os professores têm sobre o conceito *bullying*, sobre os locais de maior incidência, as consequências para



os intervenientes, as formas de intervenção e prevenção e qual o papel que devem ter perante as situações de *bullying*.

PARTICIPANTES

Neste estudo participaram dez professores do ensino secundário. A amostra é de conveniência, dado que os professores entrevistados foram os que mostraram disponibilidade e interesse pelo estudo.

Na Tabela 1 é apresentada uma descrição dos participantes, nomeadamente sexo, idade, área de formação e anos de docência.

Tabela 1
Caraterização dos Participantes

	Sexo	Idade	Área de Formação	Anos de Docência
Entrevistado 1 (E1)	Feminino	44	Línguas	20
Entrevistado 2 (E2)	Feminino	26	Línguas	1
Entrevistado 3 (E3)	Feminino	43	Educação Física	16
Entrevistado 4 (E4)	Masculino	36	Educação Física	10
Entrevistado 5 (E5)	Feminino	47	Biologia e Geologia	23
Entrevistado 6 (E6)	Masculino	45	Física e Química	20
Entrevistado 7 (E7)	Feminino	35	Biologia e Geologia	11
Entrevistado 8 (E8)	Feminino	44	Biologia e Geologia	20
Entrevistado 9 (E9)	Feminino	38	Línguas	16
Entrevistado 10 (E10)	Feminino	44	Português	10

INSTRUMENTOS

A informação para análise foi recolhida através de entrevistas semiestruturadas tendo sido construído expressamente um guião de entrevista para este efeito.

Para a elaboração do guião de entrevista foram tidas em consideração as recomendações de Marconi e Lakatos (1999), designadamente evitar que as respostas sejam influenciadas pela resposta dada na questão anterior e evitar a ocorrência de mudanças bruscas relativamente aos temas apresentados nas perguntas.

Após a elaboração do guião de entrevista, realizou-se um teste prévio a três professores com a finalidade de se avaliar a clareza das questões, o seu encadeamento e se estas não suscitavam qualquer dificuldade de resposta.

Dentro das abordagens qualitativas, as entrevistas assumem-se, indubitavelmente, como a técnica recolha de dados mais utilizada. Nesse sentido, a entrevista pareceu ser uma técnica adequada uma vez que possibilita recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspetos do mundo (Bogdan & Biklen, 1994).



PROCEDIMENTOS

No primeiro momento foi explicado em que consistia o estudo aos professores e apresentados os objetivos, garantido a confidencialidade dos dados obtidos. A fase mais importante consistiu na realização das entrevistas, onde foi possível retirar a maior parte da informação para este estudo. A informação resultante foi, então, tratada recorrendo à técnica da análise de conteúdo com vista a obter os resultados que serão abaixo apresentados.

Para Bardin (2004) a análise de conteúdo é o processo mais adequado para transformar os dados obtidos nas entrevistas semiestruturadas num *corpus* de informação relevante e passível de interpretações fundamentadas. As categorias podem ser eleitas antes da realização das entrevistas ou emergir no momento da análise (como no presente estudo) pelo reconhecimento do investigador de conteúdos recorrentes no discurso dos entrevistados (Bardin, 2004).

Deste modo, foi realizada uma leitura de todas as respostas, para recolher a informação mais significativa contida em cada entrevista. Organizou-se depois essa informação em categorias e subcategorias, possibilitando assim relacionar as respostas dadas por cada professor e encontrar conformidade entre elas.

RESULTADOS

Os principais resultados procedentes da aplicação das entrevistas irão ser apresentados por ordem das questões que constavam do guião.

O que entende por bullying?

Na sua maioria, os professores indicaram a agressão física para descrever o *bullying*, sendo que, dos dez professores entrevistados, sete partilham a opinião de que os adolescentes usam por diversas vezes a violência física nas escolas. A agressão psicológica também é referida por seis professores como uma das formas de *bullying* mais praticadas pelos adolescentes. E a agressão verbal é mencionada por três professores: “É a agressão sistemática a um aluno, de quem os outros abusam, com agressões físicas ou agressões verbais, humilhando-o” (E8).

Cinco dos professores descrevem que as práticas agressivas ocorrem não só entre duas pessoas, mas também por parte de um grupo: “bullying consiste em atos intencionais e constantes de violência verbal, física ou psicológica, que tem como objetivo intimidar ou agredir alguém. Estes atos são praticados por um ou mais indivíduos” (E9). E quatro professores referem que as diferentes formas de agressividade têm por objetivo humilhar, dominar, intimidar, agredir e subvalorizar a vítima: “É uma agressão continuada e sistemática de uma pessoa contra outra, com a finalidade de a humilhar, subvalorizar ou dominar com o intuito de daí obter algo” (E3).



Na sua opinião, quais são os locais onde ocorre o bullying?

Na opinião dos professores são diversificados os locais onde se pode verificar a existência de práticas de *bullying*, sendo a escola o local apontado pelos dez professores entrevistados. Dentro do espaço escola, são referidos os recreios: “Na escola, espaços de lazer como os recreios” (E4), e a sala de aula: “Quando as agressões são verbais, e têm por objetivo humilhar a vítima podem ocorrer na sala de aula, onde adquirem um caráter dissimulado. Por vezes, passa por todos se negarem a trabalhar ou sentar junto de um elemento que deliberadamente isolam” (E8).

Os espaços exteriores, especificamente, paragens de autocarro, rua, bairros e parques são mencionados por cinco dos professores: “Nas escolas, na rua, nos bairros, nos locais onde existam comunidades” (E3); “No recreio, nas paragens de autocarro” (E10); “Escolas (balneários, corredores), ginásios e espaços exteriores como ruas ou parques” (E1). Para um professor as universidades e os locais públicos apresentam-se igualmente como espaços em que o bullying pode ocorrer: “Em todos os lugares, mas sobretudo pelos que são frequentados pelas supostas vítimas: escolas, universidades, centros comerciais, na rua e em outros lugares públicos” (E9). Outro professor aponta os locais isolados: “Quando as agressões são físicas em locais afastados dos olhares dos mais velhos” (E8). A internet é também um meio indicado: “o bullying pode acontecer em qualquer lugar, nos recreios, na rua, na Internet” (E7).

Já presenciou alguma(s) situação(ões) de bullying? Descreva-a(as) sinteticamente.

As respostas podem ser agrupadas em duas categorias: a) já presenciou e b) não presenciou. Os quatro professores que referiram ter presenciado relataram situações como o uso forçado de cartões escolares tirados à vítima pelo agressor: “Sim, um aluno a obrigar outro a deixar utilizar o seu cartão escolar” (E5); ridicularizar a aparência física como descreveu outro participante: “Sim, aluna que sistematicamente goza outra pelo seu aspeto físico” (E6). E agressões verbais e físicas referenciadas por dois professores: “Sim, quase diariamente, no meu local de trabalho. Consubstancia-se em atos de violência verbal e física, muitas vezes gratuita. Aos agressores não interessa se um adulto ou um professor está presente” (E9); “Sim, na paragem do autocarro um aluno agredia verbalmente e empurrava outro” (E10).

Na sua opinião, quais os tipos de práticas mais frequentes por parte do agressor?

Nove dos dez professores destacam a ofensa verbal como a principal prática executada pelo agressor. A humilhação é, na opinião de seis participantes, uma das práticas que mais se pode verificar por parte do agressor em relação a vítima: “Ofensa verbal e humilhação” (E4).



Cinco professores indicam a agressão física como sendo, do seu ponto de vista, a que mais se pratica: “Humilhação, agressão física e ofensa verbal, sobretudo de modo a que o agredido fique muito mal física e/ou psicologicamente” (E2); “Talvez agressão física, ofensa verbal e humilhação” (E3); “Agressão física, exclusão de grupos, roubo (lanche, objetos e dinheiro) e estragar os bens da vítima” (E10) e “Ofensa verbal, humilhação, discriminação, agressão física e danificação de bens” (E1).

Quais pensa ser os motivos que levam o agressor a praticar bullying?

Os professores apontaram um conjunto diversificado de motivos subjacentes à prática de *bullying*. São fatores como sobrevalorização, superioridade e afirmação perante o grupo que seis professores mencionam como as causas que poderão estar na origem do *bullying*: “Mostrar a superioridade” (E5) e “Necessidade de afirmação no grupo” (E8). “Penso que será talvez para se sobrevalorizar, humilhando os outros, porque tem a autoestima em baixo e frustração” (E2).

Para cinco dos entrevistados, as razões pelas quais o agressor pratica *bullying* são de origem familiar: “As atitudes agressivas podem ser uma forma de expressar o seu contexto familiar pouco afetivo” (E10). “Viver no seio de uma família desestruturada, insegurança em si próprio ou ter sido, ele próprio, vítima de *bullying*” (E7).

As características de personalidade são também referenciadas por um professor: “Personalidade distorcida em termos de valores, famílias disfuncionais, personalidade agressiva, vivência em meios que propiciam a reprodução de atos violentos e humilhantes e terem sido vítimas de *bullying* ou agressão por outrem” (E1).

Um dos professores descreve a complexidade desta questão referindo um conjunto de motivos explicativos: “São muitos e de natureza complexa. Destaco alguns: os agressores são originários de famílias disfuncionais, nas quais não foram inculcadas regras, civismo e valores de convivência social; não lhes foi permitido vivenciar um modelo de educação onde se associem a autorrealização, atitudes socialmente produtivas e solidárias; situações de dificuldades momentâneas, como a separação traumática dos pais, falta de recursos financeiros, doença na família, entre outros e uma forma de chamar a atenção, pelo lado mais negativo” (E9).

A prática de bullying pode resultar em que tipo de consequências para a vítima?

A baixa autoestima surge como a consequência mais apontada, seguindo-se os problemas depressivos referidos por quatro sujeitos: “Baixa autoestima e depressões” (E5) e “Introversão, falta de autoestima e confiança” (E1).

O suicídio é apontado por três participantes do estudo como a consequência mais severa: “Perda de autoestima e/ou depressão que muitas vezes pode levar ao suicídio” (E2). Contudo, o *bullying* foi relacionado com um vasto tipo de consequências como a insegurança – “Danos psicológicos muito profundos como: medo de ir para a escola, de sair de casa, pesadelos insegurança e perda da autoestima” (E3), a ansiedade, o risco de



fracassar ou abandonar a escola, assim como a probabilidade das vítimas desenvolverem transtornos emocionais e problemas psicossomáticos – “Diminuição da autoestima, perda do interesse pelos estudos, o que pode levar a uma situação de fracasso e abandono escolar, transtornos emocionais, problemas psicossomáticos, depressão, ansiedade e pensamentos suicidas” (E10); “Introversão, falta de autoestima e falta de confiança” e “Medos e falta de confiança” (E3); “Há muitos tipos de consequências: o isolamento, a depressão e em alguns casos o suicídio” (E7) e “Baixa autoestima, isolamento, repúdio a escola, ansiedade e medo” (E8).

As escolas estão preparadas para lidar com a problemática do bullying? Porquê?

No que concerne a preparação das escolas para lidar com o *bullying* foi possível identificar três categorias de resposta: (1) as escolas não estão suficientemente preparadas; (2) algumas escolas estão preparadas e (3) não sabe se as escolas estão preparadas.

Assim, no que diz respeito à primeira categoria, (1) as escolas não estão suficientemente preparadas, foi possível incluir oito professores, que baseiam a sua opinião nos seguintes aspetos: baixo poder económico: “Acho que não, porque é necessário conhecer e estudar a pessoa que o pratica e tentar alterar esse comportamento e, claro, ajudar aquele que é agredido. E as escolas, ou a grande parte delas, não tem poder económico para poder pagar a profissionais desta área, como psicólogos” (E2); a omissão das situações de *bullying* por parte das escolas: “Não, porque os casos são omitidos e o que se passa acha-se que é normal” (E6) e a dificuldade em identificar situações de *bullying*: “Não, porque é difícil de identificar, de comprovar e não é feito à vista de todos. Os programas são excessivos, a burocracia também e sobra pouco tempo ao professor para estar atento às mudanças de comportamento das vítimas. O desinteresse da vítima confunde-se com falta de interesse pela escola e pouco empenho e o comportamento do agressor é visto como falta de educação” (E8).

No que se refere à segunda categoria, (2) algumas escolas estão preparadas, encontramos uma resposta: “Algumas. Existem estratégias de atuação previstas para estes casos: gabinete de mediação de conflitos, serviços de psicologia e orientação e assistentes sociais” (E1). Finalmente, no último tipo de categorias foi encontrada uma resposta: “Não sei. Como nunca presenciei, não sei como atuam em casos existentes” (E4).

Qual pensa ser o papel do professor mediante a ocorrência de bullying?

No que concerne ao papel em casos de *bullying*, para cinco professores tal deve incluir não só tomar conta do sucedido, como também serem os responsáveis por dar a conhecer o caso aos profissionais/autoridades melhor habilitados para solucionar o problema, como indicam, por exemplo, duas participantes: “O professor tem um papel fundamental, pois vê os comportamentos dos seus alunos e poderá avisar a escola ou a entidade responsável sobre o que lhe parece que está a acontecer, de modo a evitar os



comportamentos de *bullying*” (E2); “O professor deve tomar conta da ocorrência e participá-la às autoridades competentes para lidar com a situação” (E8).

A denúncia dos casos de *bullying* é aludida por três professores como um dos papéis que devem assumir. “Os professores devem denunciar estas situações e encaminhá-las para a direção da escola. Um dos fatores que agrava ainda mais o problema é a omissão por parte dos professores e dos profissionais do ambiente escolar” (E10).

Para dois entrevistados, o professor tem um papel determinante sob a ocorrência de situações de *bullying*: “Penso que o professor tem um papel preponderante nos comportamentos desviantes como o caso de *bullying*” (E4); “É preponderante, quando detetado a tempo, o que na maioria das vezes não acontece” (E5); “O professor deve prevenir, identificar e denunciar possíveis casos” (E6).

A atuação imediata em caso de *bullying* é mencionada por dois professores: “Deve atuar imediatamente, com cautela, para não agravar a situação do agredido” (E3); “Deve pedir ajuda a alguém que tenha formação e o possa orientar na resolução do problema (E6), sendo também referida a punição e proteção da vítima por um professor: “Proteger a vítima, denunciar, atuar e punir quando for necessário” (E3).

Segundo um entrevistado, o papel que o professor deve ocupar não tem sido um tema abordado nas escolas nem na formação dos professores, afirmando haver pouco conhecimento relativo ao modo de atuação em casos de *bullying*: “Confesso que não tem sido trabalhado este tema nas escolas e na formação dos professores. O que quer que seja feito está muito mais relacionado com a sensibilidade dos professores do que com o conhecimento da forma de atuar” (E8).

Na sua opinião, quais são as possíveis formas de combater e prevenir o bullying?

As opiniões dos dez participantes acerca das possíveis formas de combater/prevenir o *bullying* foram diversificadas. Para quatro professores, o aconselhamento psicológico é visto como uma das principais medidas a ter em conta como forma de combater/prevenir casos de *bullying*: “principalmente aconselhamento psicológico aos alunos que têm mais tendência para ter este comportamento” (E2).

Segundo a perspectiva dos professores entrevistados, é fundamental que se façam campanhas de alerta para os encarregados de educação, como refere um professor, e, igualmente, campanhas de alerta para os adolescentes, como referem outros dois professores. Uma maior supervisão por parte dos funcionários, principalmente nos recreios, é também mencionada por uma participante. “Alertar os encarregados de educação para a existência do problema; maior alerta por parte dos professores/famílias aos jovens; maior acompanhamento aos alunos, durante os intervalos, por parte dos funcionários, em locais mais escondidos do espaço escolar; e abertura do gabinete de psicologia aos alunos que necessitem dele, voluntariamente, com a finalidade de terem aconselhamento psicológico” (E3).

As ações de sensibilização para o problema e suas consequências são indicadas por dois participantes, como formas possíveis de prevenir as práticas de *bullying*: “Apostar em ações de sensibilização” (E4); “Intervenção antecipada e sensibilizar para as consequências” (E5).

A realização de medidas que clarifiquem o que é o *bullying* é referida por um professor: “Realizar medidas para esclarecer o que é o *bullying*. É fundamental que a



escola aja como um facilitador entre pais e alunos, para encaminhar, orientar e resolver a questão; e formar professores e funcionários, na identificação e encaminhamento adequado das vítimas” (E10). A transmissão de valores que recusem os comportamentos agressivos é indicada por um dos entrevistados: “Numa sociedade egoísta torna-se imperioso transmitir valores que rejeitem estas atitudes” (E6).

Um professor refere o reconhecimento dos agressores como importante: “Fazer mais campanhas para alertar os alunos para esta prática, e envolver os pais nestas campanhas; e fazer leis mais eficazes para inibir e identificar os agressores, submetendo-os a uma consulta de psicologia para identificar a raiz do problema” (E7).

Apenas um professor se interrogou sobre a eficácia da punição disciplinar, afirmando: “Não sei até que ponto a punição disciplinar resolve a questão. Mas talvez aconselhamento psicológico por parte de profissionais de psicologia. Mas estes não abundam nas escolas” (E8).

É da opinião que esta problemática deveria ser mais divulgada e debatida? Porquê?

À luz do olhar dos participantes é importante que a problemática do *bullying* seja divulgada e debatida por diversos motivos: “Com certeza que sim. Na minha opinião, este é um problema que qualquer escola tem e ao ser debatido, divulgado entre as camadas jovens sobretudo, estes poderão se consciencializar que este comportamento é muito negativo, não só para quem é agredido, mas também para quem agride, pois o desejo de humilhar ou magoar alguém poderá aumentar, podendo levar a extremos como o homicídio” (E2); “Sem dúvida. Porque as escolas, ou melhor, as direções das escolas tentam camuflar o problema, o que faz com que ele aumente e ninguém intervenha de forma eficaz. O que se tem verificado, em muitos casos, é que ao tornar o problema num tabu este aumenta de forma camuflada e os agredidos se sintam envergonhados em denunciar as situações que os constroem” (E3).

DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

O presente trabalho teve por objetivo conhecer a percepção dos professores face à ocorrência de *bullying*. O conceito *bullying* suscitou nos professores diferentes sentidos, contudo a maioria define *bullying* como um ato agressivo intencional que pode ser físico, psicológico e/ou verbal, praticado por um ou mais indivíduos em relação a outro (s), com o objetivo de humilhar, intimidar, dominar e agredir a vítima.

As escolas, sobretudo os recreios, são apontadas pelos professores como os locais de maior incidência de *bullying*, embora também seja reconhecida esta prática em espaços como a sala de aula, locais exteriores como paragens de autocarro e parques, nos locais de trabalho, universidades e em sítios públicos como centros comerciais. Assim, a supervisão dos recreios, por parte dos funcionários, torna-se imprescindível no auxílio aos alunos, caso estes necessitem de ajuda para solucionar possíveis problemas (Pereira, 2008).

Na perspetiva dos professores, e de acordo com a maioria dos entrevistados, as escolas não estão suficientemente preparadas para lidar com o *bullying* e nem sempre



dispõem dos meios necessários para prevenir a violência, recaindo algumas das justificações sobre o baixo poder económico das escolas para pagarem a profissionais especializados, casos de *bullying* vistos como normais ou omitidos, ausência de formação no reconhecimento de situações de *bullying* e pouca disponibilidade por parte dos professores para estarem atentos aos comportamentos dos seus alunos, devido aos extensos conteúdos programáticos.

Quanto ao papel dos professores face ao *bullying*, estes consideram que o seu papel deve passar pelo reconhecimento das situações de *bullying*, encaminhá-las para os profissionais/autoridades competentes, punir e denunciar. Concomitantemente, os entrevistados relataram a dificuldade em identificar situações de *bullying* e a falta de formação acerca desta problemática.

Desta feita, é fundamental para prevenir e poder combater o *bullying* o reconhecimento de um conjunto de elementos (origem, formas de manifestação, lugares onde usualmente ocorre, indivíduos que sofrem as suas consequências) que se relacionam com a identificação do *bullying* nas escolas (Avilés, 2003). Segundo Strohmeier e Noam (2012), os professores precisam de estar preparados para a) identificar situações de intimidação; b) distinguir casos de *bullying* leves versus casos de *bullying* graves e intervir com espetadores, agressores e vítimas; e c) prevenir proativamente o *bullying*.

Royer (2003) refere que, ao longo da sua formação, o professor deve adquirir competências para poder intervir e impedir práticas agressivas, afirmando ainda que a falta destas noções por parte do professor faz com que este atribua mais importância ao castigo dos alunos com comportamentos agressivos, do que às formas de prevenção e intervenção, contribuindo desta forma para o agravar da agressividade e causar situações de stresse no professor, pois terá de conviver com estas situações enquanto exercer a sua profissão.

Toda a forma de violência na escola constitui uma preocupação dos professores e da sociedade em geral, não só pelas consequências que acarreta nos atores diretamente envolvidos (vítimas e agressores), como pelas consequências nos próprios observadores, sobretudo nas escolas onde o fenómeno apresenta uma maior prevalência (Cunha & Monteiro, 2018; Olweus, 1993; Smith & Sharp, 1994).

Desta forma, e tendo por base a opinião destes professores, é pertinente referir a importância de debater e divulgar a problemática *bullying*, uma vez que são situações verificadas em qualquer escola, e do mesmo modo se torna crucial que haja um trabalho conjunto entre direção, professores, pais, alunos e funcionários, não só numa tentativa de dar a conhecer a problemática, como também na procura de possíveis soluções.

Outro aspeto importante que decorre do presente estudo é que algumas escolas continuam a não aceitar que o *bullying* ocorre no ambiente escolar. Uma implicação importante dos resultados obtidos parece indicar que as escolas e seus representantes necessitam estar atentos e suficientemente informados para identificar o *bullying* nas suas diferentes formas de manifestação e diferenciá-lo de outros tipos de violência. Nesse sentido, a formação dos professores deve ter em conta os processos multifactoriais (características individuais, familiares, escolares e comunitárias) que se encontram na base dos vários tipos de violência que ocorrem na escola.

O presente trabalho apresenta algumas limitações, que devem ser tidas em consideração aquando da interpretação dos resultados. Entre as quais, destacamos o reduzido número de participantes da amostra. Assim, seria interessante a realização de estudos com amostras mais alargadas e em outros graus de ensino. Será igualmente interessante desenvolver estudos sobre a perceção de outros agentes educativos, como pais e assistentes operacionais, de modo a termos uma visão mais completa da problemática em estudo. Outra dimensão pertinente para analisar será a das perceções dos professores quanto ao *cyberbullying*.

REFERÊNCIAS

- AVILÉS, J. (2003). *Bullying. Intimidación y maltrato entre el alumnado*. Bilbao: STEE-EILAS.
- BARDIN, L. (2004). *Análise de Conteúdo*. (3ª Edição). Lisboa: Edições 70.
- BOGDAN, R., & BIKLEN, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora.
- CUNHA, P., & MONTEIRO, A. P. (2018). *Gestão de Conflitos na Escola*. Lisboa: Pactor.
- DAHLHEIMER, J. M. (2004). *Teachers' perceptions of bullying behaviour*. (Thesis of master of Science Degree in Guidance and Counselling). University of Wisconsin-Stout, United States of America. Retirado de: <http://www2.uwstout.edu/lib/thesis/2004/2004dahlheimerj.pdf>
- FERREIRA, V., ROWE, J., & OLIVEIRA, L. (2010). Percepção do professor sobre o fenómeno bullying no ambiente escolar. *Unoesc & Ciência – ACHS*, 1(1), 57-64.
- GARAIGORDOBIL, M., & MARTÍNEZ-VALDERREY, V. (2014). Effect of Cyberprogram 2.0 on reducing victimization and improving social competence in adolescence. *Revista de Psicodidáctica / Journal of Psychodidactics*, 19(2), 289-305. doi: 10.1387/RevPsicodidact.10239
- KOCHENDERFER-LADD, B., & PELLETIER, M. E. (2008). Teachers' views and beliefs about bullying: Influences on classroom management strategies and students' coping with peer victimization. *Journal of School Psychology*, 46, 431-453. doi: 10.1016/j.jsp.2007.07.005
- MARCONI, M. A., & LAKATOS, E. M. (1999). *Técnicas de pesquisa*. (3ª Edição). São Paulo: Atlas.
- MARSHALL, M. L., VARIAS, K., MEYERS, J., GRAYBILL, E. C., & SKOCZYLAS, R. B. (2009). Teacher responses to bullying: Self-reports from the front line. *Journal of School Violence*, 8(2), 136-158. doi: 10.1080 / 15388220802074124
- NETO, A. A. L. (2005). Bullying – comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de Pediatria*, 81(5), 164-172. doi: 10.1590/S0021-75572005000700006
- OLWEUS, D. (1993). *Bullying at school – What we know and what we can do*. Oxford: Blackwell.
- PEARCE, J. B., & THOMPSON, A. E. (1998). Practical approaches to reduce the impact of bullying. *Archives of Disease in Childhood*, 79(6), 528-531.
- PEREIRA, B. O. (2008). *Para uma escola sem violência: estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças*. (2ª Edição). Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian.
- PESSOA, T., & AMADO, J. (2014). Cyberbullying – questões e desafios atuais. *EDMETIC, Revista de Educación Mediática y TIC*, 3(2), 29-51.
- RIGBY, K. (2002). *New perspectives on bullying*. London: Jessica Kingsley Publishers.
- ROSEN, L. H., SCOTT, S. R., & DEORNELLAS, K. (2017). Teachers' perceptions of bullying: A focus group approach. *Journal of school violence*, 16(1), 119-139. doi: 10.1080/15388220.2015.1124340



- ROYER, E. (2003). Condutas agressivas na escola: pesquisas, práticas exemplares e formação de professores. Desafios e alternativas: violência nas escolas. In Anais do Seminário de violências nas escolas: desafios e alternativas (pp. 57-78). Brasília: Unesco, UNDP.
- SMITH, P. K., & BRAIN, P. (2000). Bullying in schools: Lessons from two decades of research. *Aggressive Behavior: Official Journal of the International Society for Research on Aggression*, 26(1), 1-9. doi: 10.1002/(SICI)1098-2337(2000)26:1%3C1::AID-AB1%3E3.0.CO;2-7
- SMITH, P. K., & SHARP, S. (1994). The problem of school bullying. In P. K. SMITH & S. SHARP (Eds.), *School bullying: insights and perspectives* (pp. 1-19). Nova York: Routledge.
- STROHMEIR, D., & NOAM, G. (2012). Bullying in schools: What is the problem, and how can educators solve it? *New Directions for Youth Development*, 10, 45-50. doi: 10.1002/yd.20003
- TROOP-GORDON, W. (2015). The role of the classroom teacher in the lives of children victimized by peers. *Child Development*, 9, 55-60. doi: 10.1111/cdep.12106
- TROOP-GORDON, W., & LADD, G. (2015). Teachers' victimization-related beliefs and strategies: associations with students' aggressive behavior and peer victimization. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 43(1), 45-60. doi: 10.1007/s10802-013-9840-y

*

Received: July 5, 2019

Accepted: October 2, 2019

Published online: October 31, 2019

